

EXPERIÊNCIA DE PESQUISA NA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

Marcio da Costa Berbat (UNIRIO – marcioberbat@yahoo.com.br)

Grupo Temático 3. O estudante da EaD em foco

Subgrupo 3.2. Estratégias de estudo pela EaD: construção de espaços e tempos

Resumo:

Neste trabalho será abordado o resultado parcial de pesquisa de um grupo de estudo formado por professores (as) e alunos (as) que buscam compreender as crianças pequenas e como se dão suas vivências, suas culturas, seus processos de socialização, suas subjetividades, como produzem saberes e conhecimentos, e a qualidade de suas experiências cotidianas na educação infantil. Nossos estudos têm como referência principal, as obras de Vigotski num contexto investigativo e desafiador no cotidiano das crianças (creche e pré-escola), transpassando pelo conhecimento científico, na dimensão sócia histórica e promovendo o aprendizado que é a base para o desenvolvimento da criança. Os resultados demonstram a possibilidade de fazer pesquisa na graduação a distância, integrando o curso de pedagogia (educação a distância) no cotidiano da educação básica, crucial para a construção de conhecimento sobre as infâncias e práticas pedagógica.

Palavras-chave: educação infantil; pedagogia; educação a distância.

Abstract:

In this work we will address the partial search results of a study group made up of teachers (as) and students (those) who seek to understand young children and how to give their experiences, their cultures, their socialization processes, their subjectivities as produce knowledge and expertise, and the quality of their everyday experiences in early childhood education. Our studies have as a main reference, the works of Vygotsky in investigative and challenging daily in children (daycare and preschool) context, trespassing on scientific knowledge, the historical dimension partner and promoting the learning that is the basis for the development of the child. The results demonstrate the possibility of doing research in undergraduate distance, integrating pedagogy course (distance education) in routine primary education, crucial for building knowledge about the childhoods and pedagogical practices.

Keywords: early childhood education; pedagogy; distance education.

1. Apresentação

O presente trabalho se refere às pesquisas de um grupo de estudos formado por professoras (es) de educação infantil, que também, são estudantes de licenciatura em pedagogia a distância da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Como professoras-pesquisadoras (es), buscamos conhecer e refletir sobre o comportamento das crianças, como se dá a brincadeira na escola, como são tratados os tempos e os espaços, como se estruturam o brincar e o aprender com as crianças na creche e pré-escola. Essa pesquisa é realizada na Unidade Municipal de Educação Infantil Rosalina de Araújo Costa que está situada na Rua Galvão, 193 – Barreto – Niterói – Rio de Janeiro e faz parte das atividades presenciais do polo de Niterói (Universidade Aberta do Brasil - UAB).

O universo infantil tem sido objeto de muitos estudos por vários autores como: Sônia Kramer, Manuel Sarmiento, Willian Corsaro, Régine Sirota, dentre outros. Estes autores e outros que pesquisam as crianças na educação infantil têm como objetivo conhecer mais o mundo infantil para poder contribuir com o trabalho dos professores e das pessoas que trabalham com essas crianças.

Este também tem sido nosso objetivo, pesquisar e estudar para conhecer e aprimorar nosso trabalho, dentro da realidade da pedagogia a distância, no contexto da formação de professores a distância (ALONSO, 2010).

Acreditamos que só estando no espaço local onde se relacionam e vivem as crianças é que poderemos compreender suas perspectivas sobre o mundo, suas vivências, suas culturas, respeitando-as como sujeitos construtores de sua inserção na cultura e na sociedade e não com uma visão da criança como receptora passiva no processo de socialização.

Ao mesmo tempo em que estamos atuando como professoras-pesquisadoras, também, estamos aprendendo com os pequenos, uma troca nessa relação que trás muitas questões para serem discutidas no nosso grupo de estudos, e reflexões do trabalho de campo confrontando-as com as leituras dos pensadores que estudamos.

Entendemos que a pesquisa com crianças não se restringe a um resultado, mas a um processo onde dedicamos tempo e persistência, pois, como sujeito produtor de seu próprio saber e cultura, requer uma observação atenta de suas atitudes para, assim, tentarmos compreendê-la.

Nos nossos encontros quinzenais (no polo) discutimos as visitas na escola, estudamos os autores da infância e decidimos quais os próximos passos a seguir, nesse intervalo de tempo, de um encontro para o outro trocamos ideias pela internet (e-mails e facebook) e acessamos a plataforma moodle que nos dá suporte para o curso. Através dessa interação do grupo, juntamente com o coordenador e o orientador, vamos delineando esse trabalho, o qual nos têm proporcionado novas descobertas e desafios na Educação Infantil. O trabalho ainda não está concluído, mas já estamos caminhando para finalizar, esboçamos aqui o que foi feito até este momento.

O que nos motivou a pesquisar as crianças da educação infantil foi a oportunidade de participar de um grupo de estudos formado por estudantes da pedagogia a distância que, mesmo com suas limitações de tempo e espaço, reconhece a necessidade de aprimorar sua prática pedagógica através do estudo e da pesquisa com os sujeitos mais importantes do processo ensino-aprendizagem, no nosso caso, as crianças no período da creche e pré-escola. Essa atuação como professoras-pesquisadoras certamente trará grandes contribuições para nossa prática docente. Como nos ensina Paulo Freire:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 14).

Em nossas visitas na escola, observamos a rotina das crianças, suas brincadeiras, suas atividades, como elas interagem nesse espaço, suas vivências e experiências, ou seja, a

geografia da infância (LOPES, 2009). Os registros são feitos através de anotações e fotos. Além disso, buscamos compreender as concepções de infância nos documentos formais e no cotidiano das instituições de Educação Infantil.

Analisamos os documentos oficiais, como Regimento Interno, Projeto Político Pedagógico e matérias de formação continuada para os docentes que atuam na Educação Infantil. A obra de Vigotski (2010) é bastante apreciada e utilizada nessas formações.

Somos alunas e professores da pedagogia a distância e enfrentamos o grande desafio de mostrar que essa modalidade de ensino tem o mesmo valor, no que se refere a qualidade de ensino, ao comparar com o ensino presencial, embora ainda enfrentemos muitos preconceitos. Estudamos tanto ou mais que os alunos presenciais, pesquisamos, realizamos avaliações e trabalhos, fazemos estágios curriculares, cumprimos prazos, enfim tudo que qualquer aluno faz.

Neste trabalho tentaremos discutir um pouco essa modalidade de ensino, suas especificidades, a pesquisa no processo de formação, como iniciou a educação a distância, seus avanços, e a contribuição do ensino com pesquisa no curso de graduação a distância.

1.1. Pesquisando com as crianças

Em nossas pesquisas, na escola Rosalina de Araújo Costa, procuramos estar em contato direto com as crianças participando de toda a sua rotina: brincadeiras no parquinho, brincadeiras na casa de bonecas, atividades na sala de aula, brincadeiras no pátio, lanche no refeitório, dentre outras atividades.

Nestes momentos, além de observar as crianças procuramos interagir, sentamos no chão, respondemos a seus questionamentos dentro de suas brincadeiras, participamos das brincadeiras quando solicitados por eles. Observamos a socialização delas e ao mesmo tempo participam dessa socialização. Muller e Carvalho (2013, p. 14): “Para Corsaro, socialização não é apenas uma questão de adaptação e internalização, mas também um processo de apropriação, reinvenção e produção”.

Dentro e fora dos espaços da escola, também, as crianças, por meio de suas brincadeiras e atividades vão mostrando que são sujeitos ativos que refletem e pensam. Muller e Carvalho (2013), as crianças merecem ser estudadas como crianças. Não podemos estudar as crianças como jovens ou adultos, mas como crianças que nas suas subjetividades nos apresentam seus valores, sua cultura.

No seu cotidiano as crianças sempre preferem se socializar com os amiguinhos a sua volta, ou seja, elas se preocupam se algum amigo está separado do grupo, se está chorando perguntam o porquê, se algum deles faltou á escola no dia seguinte perguntam o que houve. Muller e Carvalho (2013), falam desse aspecto da socialização:

As crianças são profundamente sociais. Em meus muitos anos de observação em pré-escolas, raramente vi uma criança pegar um objeto, um livro ou mesmo um doce e se afastar para brincar ou comer sozinha. Ao invés disso, a satisfação emocional de compartilhar e fazer junto são intensa, especialmente quando as crianças fazem as coisas por si mesmas, juntas e sem ajuda ou orientação de adultos. As crianças querem ter controle e compartilhar esse sentimento de controle com outras crianças. Ao

fazê-lo, ensinam umas às outras, como ser social (MULLER; CARVALHO, 2013, p. 64).

Nesta citação podemos perceber que as crianças já desde bem pequenas se socializam, em nossa prática pedagógica. Tivemos a oportunidade de observar em muitos momentos os bebês tentando colocar a sua chupeta na boca do outro, pegar um brinquedo e dá para outro.

Como professoras-pesquisadoras, percebemos em nosso trabalho as diferenças culturais de uma escola para outra, ou seja, cada comunidade tem os seus próprios costumes e regras. Podemos identificar essas diferenças no artigo de Nascimento (2013 QVORTRUP 1985).

Segundo Jens Qvortrup (1985) caracterizar a infância significa distinguir um conjunto de traços que crianças têm em comum, numa região definida, num mesmo momento, sob as mesmas estruturas econômicas e políticas, e, por exemplo, verificar as relações estabelecidas com outros grupos geracionais – adultos ou velhos -, em princípio influenciados pelos mesmos parâmetros sociais, o que permite ao pesquisador comparar infâncias de diferentes países ou cultura.

Para Delgado (SARMENTO 2003): “é importante ressaltar que culturas da infância, para Manuel Sarmiento, são os modos sistematizados de significação do mundo e de ação intencional realizado pelas crianças, e que são diferentes dos modos adultos de significação e ação no mundo.” Nesse sentido podemos perceber que a cultura da infância é entendida a partir de suas interações com outras crianças e com os adultos, porém interagindo com adultos elas produzem significações diferentes das culturas dos adultos.

Na fala da professora e doutora da Universidade Russa de Humanidades, Elena Kravtsova, ela enfatiza que “Os pedagogos são orientados a não ensinarem as crianças, mas conviverem com elas, o que, para muitos, parece impossível” (I Veresk¹, 2013). É interessante refletir que, segundo a professora, a aprendizagem não se dá somente pela ação direta do adulto, mas em sua interação com a criança. Há uma troca; ambos aprendem e ensinam, ao mesmo tempo. Por isso, conviver com as crianças é a melhor maneira de entendê-las e de mergulhar em seu mundo, pois somente penetrando no universo infantil somos capazes de perceber um pouco do sujeito que se constrói bem diante de nossos olhos.

Sarmiento (2003) faz um paralelo entre o estudo etnográfico e o estudo cultural que vale a pena refletir:

Se, no quadro do paradigma interpretativo, as investigações qualitativas se caracterizam pela descrição e análise intensiva e holística de uma dada realidade social singular, de um acontecimento ou de uma sequência de factos, o estudo etnográfico acrescenta uma outra dimensão: a da natureza sociocultural da investigação (Merriam, 1988; Atkinson e Hammersley, 1998). Com efeito, um estudo etnográfico é acima de tudo um estudo cultural (Wolcott, 1992, p. 42) - (SARMENTO, 2003, p. 152).

¹ I Veresk - Evento organizado por professores de diferentes Universidades Brasileiras (UFF, UFJF, UniCEUB, UFMT, RGGU, Universidade de Siegen) e da FAETEC (Três Rios). Realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) nos dias 05 a 08 de agosto de 2013.

Ainda segundo Sarmiento (2003):

A etnografia impõe deste modo, uma orientação do olhar investigativo para os símbolos, as interpretações, as crenças e valores que integram a vertente cultural (ou, dado que a cultura não existe no vazio social, talvez seja mais apropriado dizer vertente sociocultural) das dinâmicas da ação que ocorrem nos contextos escolares (SARMENTO, 2003, p. 152).

O estudo etnográfico apresenta um desenho investigativo nas nossas pesquisas. Na escola Rosalina de Araújo Costa, onde estamos fazendo a pesquisa de campo tentamos estar atentas e anotar todos os traços e pormenores do dia a dia da escola, como também para os acontecimentos importantes que ocorrem. Nesse processo de investigação, procuramos conhecer a Instituição onde a pesquisa está sendo realizada, sua equipe pedagógica e administrativa e, principalmente, os docentes que atuam nessa instituição. Aprofundamos em saber como são realizadas as reuniões de formação continuada e qual o verdadeiro lugar que a criança ocupa no desenvolvimento do processo educativo.

Observamos que o brincar salta dos documentos oficiais da escola e ocupam seu lugar na rotina das crianças. Se naquele, o brincar não é tão enfatizado e significativo, neste, o brincar toma os primeiros assentos. As crianças ressignificam seus espaços através da brincadeira. Interagem umas com as outras e constroem seus próprios brinquedos, seja no parquinho, seja na sala de leitura ou mesmo na casinha de bonecas.

Segundo Prestes (2010):

É a brincadeira como atividade-guia que está para o desenvolvimento infantil, assim como a instrução ou o ensino está para o desenvolvimento da criança na idade escolar. Portanto, a relação não é entre desenvolvimento e aprendizagem na brincadeira ou na instrução e sim a relação entre atividade e desenvolvimento. (PRESTES, 2010, p. 164)

Por essa percepção a atividade é que proporciona o desenvolvimento infantil, a brincadeira com atividade leva ao desenvolvimento da criança. Segundo Prestes (2008), “Parece-me que, do ponto de vista do desenvolvimento, a brincadeira não é uma forma predominante de atividade, mas, em certo sentido, é a linha principal do desenvolvimento na idade pré-escolar.” A brincadeira tem um sentido de grande importância no desenvolvimento das crianças, brincando a criança internaliza sentidos, no faz de conta ela repete ações vividas no seu cotidiano.

A brincadeira permite à criança experimentar situações presenciadas com os adultos. Ela brinca de ser professora, contar histórias e até mesmo, chamar atenção das outras crianças. Outra brincadeira bastante comum e que nos chama muito a atenção é a brincadeira em que a criança se propõe a ser o pai ou a mãe. Observando crianças de três anos de idade, presenciei uma situação em que a criança dava um tapinha na outra e dizia ser a sua mãe, por isso podia bater. Esse quadro permitiu-me interpretar um pouco da vivência dessa criança em seu cotidiano com os adultos com quem vive.

Na escola Rosalina de Araújo Costa, as crianças nas suas atividades de colagem, pinturas, desenhos, recortes e montagens, dentre outras, desenvolvem suas habilidades, como mostra essas fotos de seus trabalhos (figuras 1, 2 e 3).



Figura 1 - Formando leitores: trabalhando Ruth Rocha – 26/04/2013.
Fonte: autoria própria

Outra situação interessante observada na UMEI Rosalina de Araújo Costa é como as crianças atuam diretamente na produção de seu conhecimento. Um projeto desenvolvido pela professora e pelas crianças sobre a amendoeira demonstrou bem como tudo acontece. Partindo do achado de uma criança – um caroço de uma amendoeira – a professora elaborou um projeto em que todos identificaram o tipo de árvore que é a amendoeira, como são suas folhas, quanto tempo vive, entre outros dados. Isso mostra que é possível construir conhecimento em conjunto com esses pequenos sujeitos, que são as crianças da Educação Infantil.

Além desse, outros projetos são desenvolvidos, tanto na escola, quanto em casa, na parceria com a comunidade escolar.

6



Figura 2 - Pesquisando em casa – 30/04/2013.
Fonte: autoria própria



Figura 3 - Bichinhos no jardim – 30/04/2013.
Fonte: autoria própria

Durante essas atividades as crianças exprimem seus desejos, seus interesses, vivenciam o lúdico, o faz de contas e internalizam saberes. Nas brincadeiras no parquinho a areia se transforma em bolo, em castelo, em pizza e outras imaginações dos pequenos. Segundo Kishimoto (2013):

A Sociologia da Infância, ao ver a criança como ator social, com agência – perspectiva divulgada por William Corsaro em “A Reprodução Interpretativa no Brincar ao Faz de Conta das Crianças”-, constrói a base para a definição da cultura lúdica, que só se manifesta quando as crianças são atores e produtores de cultura (KISHIMOTO, 2013, p. 87).

As crianças são produtores de cultura elas representam nas suas brincadeiras o que vivem suas experiências. Percebemos em nossa experiência cotidiana como professoras, que as crianças brincam imitando a sua mãe ou atividade que ela exerce ou o pai, o irmão mais velho ou alguém conhecido e próximo. E algumas mães revelam que em casa elas brincam de professora e repetem o que aconteceu na escola, as atividades realizadas, os alunos que se comportaram mal e a professora chamando a atenção deles, as histórias contadas por colegas na escola, ou seja, tudo o que aconteceu na escola.

A cultura lúdica é potencializada por brincadeiras, não só com brinquedos, mas também com acessórios que complementam a qualidade da brincadeira. Por exemplo, se o pai ou um vizinho é mecânico a criança utiliza brinquedos: martelo, alicate, chaves, carrinhos..., mas só os brinquedos não potencializam a brincadeira, ela reproduz o local e o comportamento do mecânico. Sem ela conhecer a atividade do mecânico ela não saberia, só com os brinquedos, brincar de mecânico. Assim, como ela reproduz outras profissões: médico, motorista, dentista, ator, professor etc.

Prestes (2008), responde a três perguntas sobre as brincadeiras das crianças:

Resta-me responder a três perguntas: a primeira é demonstrar que a brincadeira não é um momento predominante no desenvolvimento da criança, e sim principal; a segunda, demonstrar em que consiste o desenvolvimento da brincadeira em si, ou seja, o que significa o movimento que vai da predominância da situação imaginária para a predominância das regras; e a terceira, demonstrar quais as reestruturações internas que a brincadeira provoca no desenvolvimento da criança (PRESTES, 2008, p. 84).

Mais uma vez podemos perceber através de estudos a importância da brincadeira no desenvolvimento da criança. Como o lúdico é importante no desenvolvimento infantil. Em nosso trabalho já fomos questionadas por pais e até amigos que não são da área da educação o porquê das crianças começarem a ir para a escola tão pequena, se elas não sabem escrever, nem ler, que nesta idade elas só vão para a escola brincar. Esses pais não sabem da importância do brincar na vida dos seus filhos, da interação com outras crianças, da socialização e que isso é muito importante para o desenvolvimento das crianças.

Na verdade eles querem que seus filhos ao entrarem na idade da pré-escola, ou antes, aprendam a escrever e a ler antes das outras crianças da mesma idade que não estão na escola. Não sabem ou não aceitam que as brincadeiras e as atividades na educação infantil têm grande importância no aprendizado dos seus filhos, e que essa etapa na vida da criança é fundamental para a sua formação.

Kramer (1999), fala sobre reconhecer a infância e sua especificidade:

Muitos estudos criticam a dominação que ainda está presente na educação infantil; o adultocentrismo marca as produções teóricas e as instituições. Reconhecer na infância sua especificidade – sua capacidade de imaginar, fantasiar e criar – exige que muitas medidas sejam tomadas. Entender que as crianças têm um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, que subverte o sentido da história, requer que se conheça as crianças, o que fazem. De que brincam, como inventam, de que falam (KRAMER, 1999, p. 123).

Em nossos estudos e pesquisa procuramos entender como ocorrem às vivências das crianças. Primeiro vamos falar um pouco sobre vivência que algumas pessoas confundem com experiência. Nós conseguimos entender a diferença em nossos estudos de grupo e na participação do I Veresk, o qual foi realizado nos dias 05 a 08 de agosto de 2013 na UFF/Faculdade de Educação. Neste evento, o professor Doutor Serguel Jerebtsov² descreveu na última conferência sobre o que seria vivência, segundo para Vigotski (2010).

Para Vigotski a vivência seria a característica principal da situação social para o desenvolvimento. A vivência seria o afeto intelecto, a vivência seria uma unidade de análise e desenvolvimento da

² Serguel Jerebtsov é Professor Associado, chefe do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Gomel.

personalidade. A vivência seria um fator de desenvolvimento das neoformações (JEREBTSOV, 2013, p. 08).

A vivência é o contrário da experiência, é íntimo e pessoal, ou seja, é o que se tira daquilo que foi vivido. Para a criança a vivência é que desenvolve sua personalidade consciente.

Segundo Vinha (2010), o que nós podemos dizer a respeito dos exemplos observado quando discutimos as crianças é que os elementos existentes para determinar a influência do meio no desenvolvimento psicológico, no desenvolvimento de sua personalidade consciente é a vivência. Dessa forma, não é esse ou aquele elemento tomado independentemente da criança, mas, sim, o elemento interpretado pela vivência da criança que pode determinar sua influência no decorrer de seu desenvolvimento futuro.

O quê a criança vive e como ela interpreta essa vivência é que pode determinar o seu desenvolvimento. Nesse sentido podemos perceber a importância da vivência na vida das crianças, como ela reage diante dos conflitos e das situações no seu cotidiano. Assim, não só a vivência na escola, mas o local onde a criança vive também determina o seu desenvolvimento, a vivência da infância, suas brincadeiras, amigos, familiares, vizinhos etc. Nós temos em nossa memória essas vivências, lembramo-nos de quando éramos criança o doce que mais gostávamos a comida da casa da vovó, da casa da tia, as brincadeiras preferidas, os amigos, a música que gostávamos na época, a professora que mais gostávamos. Tudo isso são vivências que marcaram nossas vidas.

Segundo Lopes e Vasconcellos (2006), existem, portanto, uma estreita ligação entre a vivência da infância e o local onde ela será vivida, pois cada grupo social não só elabora dimensões culturais que tornam possível a emergência de uma subjetividade infantil relativa ao lugar, mas também designa existência de locais no espaço físico que materializa essa condição.

Quanto mais pesquisamos as crianças, mais convictos ficamos de quão enriquecedora é essa experiência para nossa prática pedagógica e o quanto esses sujeitos têm a nos acrescentar em nossa formação.

9

1.2. A educação a distância e os desafios da pesquisa com as crianças

A Educação a Distância por si só já apresenta muitos desafios, tanto para reafirmar-se como uma educação de qualidade, quanto para atingir seus objetivos com estudantes de diferentes lugares e tempos, como em ambiente virtual de aprendizagem (AVA).

Como estudantes de educação a distância e bolsistas de um programa de iniciação científica (IC), precisamos vencer desafios todos os dias. Vencemos a fadiga do trabalho, a distância física da universidade e dos professores, a discriminação de estudantes de cursos presenciais e seguimos adiante em busca de nossos objetivos. A melhor parte de todo esse processo é a oportunidade de pesquisar com crianças, experimentando situações que somente quem atua com esses sujeitos é capaz de descrever.

A educação a distância, no Brasil, iniciou-se em 1922/1923 na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro – Fundação Roquete Pinto com o objetivo de atender a formação de trabalhadores, das cidades e das zonas rurais. Mas somente em 1999 alcançou a metodologia que temos hoje na Educação a Distância, num curso de Atualização para Professores – Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (BERBAT, 2008, p. 89).

A compreensão da educação a distância e sua qualidade perpassa pelo entendimento de que a aprendizagem não se dá apenas pela presença física dos sujeitos, ao mesmo tempo e no mesmo espaço, pois, segundo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”(FREIRE, 1996, p. 22). Assim, o estudante dessa modalidade de ensino é tão capaz de apropriar-se dessas possibilidades, como qualquer outro.

Nesse contexto, a pesquisa com crianças permite-nos ampliar nossos conhecimentos, associando nossos estudos à prática pedagógica. Embora tenhamos que enfrentar a restrição de tempo para realização das observações e interações, abraçamos essa oportunidade visando o aprimoramento da prática docente e a contribuição que podemos oferecer a tantos outros estudantes da educação a distância e professores da educação infantil. A Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) é pioneira no Brasil em oferecer vagas de iniciação científica (IC) na pedagogia a distância. Desde 2012, possui com cota própria de bolsas para a graduação a distância na instituição, nos cursos de pedagogia, matemática, história e turismo, que está ligada ao Ministério da Educação (MEC).

Estudando as vivências das crianças e com as crianças, atores principais desse processo tem desencadeado uma série de reflexões que nos despertam para o aprofundamento dessa pesquisa.

De acordo com Pimenta (2005), há que se entender que a educação a distância é mais uma possibilidade de aprendizagem:

O ensino, fenômeno complexo, enquanto prática social realizada por seres humanos com seres humanos é modificada pela ação e relação destes sujeitos - professores e alunos - historicamente situados, que são, por sua vez, modificados nesse processo. Então nos parece mais interessante compreender o fenômeno do ensino como uma situação em movimento e diversa conforme os sujeitos, os lugares e os contextos onde ocorre. Nessa perspectiva, não é possível dissecá-lo, para identificar suas regularidades, e com base nisso pretender a criação de regras, de técnicas e modos únicos de operá-lo (PIMENTA, 2005, p.48).

Nesse contexto, a educação a distância cumpre seu papel ao compreender o ensino como um fenômeno em constante movimento, considerando os sujeitos, os lugares e o contexto, possibilitando a um maior número de pessoas o acesso e a permanência ao ensino superior com qualidade.

A novidade para nós, enquanto professores e pesquisadores estão no poder de reflexão sobre nossa própria prática, associada à experiência com crianças, buscando um diálogo entre a teoria – encontrada nos livros e artigos do curso de licenciatura em pedagogia – e a prática docente, mediada pelas interações entre a escola e a criança da educação infantil.

A pesquisa com crianças no âmbito da educação a distância visa proporcionar melhor desempenho na atividade docente e, como professores de educação infantil estão experimentando mudanças com olhar mais atento às crianças, suas interações e ressignificações dos espaços, de acordo com suas culturas e vivências.

De acordo com o Relatório de Pesquisa Educação Infantil e Formação de Profissionais no Estado do Rio de Janeiro, “a formação dos professores tem sido assinalada pelas

pesquisas e pelos documentos oficiais como um dos principais fatores que afetam a qualidade na Educação Infantil” (RPEIFPERJ, 2011, p. 35).

Assim, o programa de bolsas de iniciação científica (IC), com a pesquisa intitulada “Territorialidades de Crianças nas Instituições de Educação Infantil”, da qual este trabalho faz parte, cumpre seu papel no sentido de investigar não somente a criança, o brincar e suas vivências, mas também de entender como se dá a formação desses profissionais que atuam nessa primeira etapa da Educação Básica no município de Niterói, no âmbito da cultura de pesquisa na graduação a distância, nos encontros de estudos dos polos presenciais.

Ainda em estudo, o Relatório de Pesquisa Educação Infantil e Formação de Profissionais no Estado do Rio de Janeiro (RPEIFPERJ, 2011), assim assinala:

É na interação entre os saberes e as situações do cotidiano, nas reflexões e trocas que se dá a formação. (...) Considerando o momento atual da Educação Infantil brasileira, há que se pensar a formação do docente das crianças de 0 a 6 anos de maneira multidimensional também, de forma que o desenvolvimento pessoal e profissional signifique desenvolvimento institucional e organizacional e vice-versa (RPEIFPERJ, 2011, p.37).

Levando em consideração os dados coletados pela pesquisa e seus resultados, a educação a distância não pode ficar aquém dos espaços das crianças, ou acabaria por perder-se em seu fim, que é a formação integral do estudante. Dessa forma, o foco de nossa pesquisa tem sido o vínculo entre os estudos sobre as infâncias, sob o aspecto sócio histórico e cultural e os atravessamentos com a pesquisa de campo, na interação entre o professor e as crianças da Educação Infantil.

Assim, pesquisas com crianças torna-se uma experiência inédita. Por isso, o docente/pesquisador deve estar atendo a todos os detalhes e situações do cotidiano desses sujeitos que nos falam através de atitudes, gestos, sorrisos e, também de palavras. Desprovidos de qualquer preconceito, precisamos nos abrir para conhecer, entender e interpretar as subjetividades de nossas crianças.

O brincar e a brincadeira na educação infantil devem ser o principal aporte pedagógico, pois, é nesse momento que a criança se permite entender; abre-se a mostrar quem realmente é e o que lhe inquieta e ou interfere em suas atitudes. Um olhar atento poderá desvendar grandes acontecimentos na vida de uma criança.

2. Considerações Finais

Nossos estudos nos levam a entender as subjetividades, interações, socializações, vivências e culturas da infância e como elas influenciam no desenvolvimento das crianças. Vimos que a criança é um ser social e como tal é capaz de criticar, refletir e opinar. A criança é capaz de produzir cultura e representar suas culturas. Vimos também, que a vivência pode ter grande influência no desenvolvimento da criança, a partir do que ela vivencia no seu cotidiano, seja na escola ou em casa é que ela poderá definir sua personalidade.

O professor-pesquisador procura através dos seus estudos e pesquisas levar para sua prática estas descobertas e é o que tentamos fazer a partir de nossos estudos e reflexões. Tentamos trabalhar estas descobertas com nossos alunos nas escolas que lecionamos e

proporcionar uma escola de qualidade com comprometimento, respeitando suas culturas, aprendendo com eles e vivenciando suas especificidades.

Segundo Freire (1996), “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Ainda o mesmo autor diz: “Por isso é que na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”.

Como professores-pesquisadores nós tivemos a oportunidade de escrever um pouco sobre nossas vivências e experiências junto aos nossos alunos e alunos da escola pesquisada e, também, como alunos do curso licenciatura em pedagogia a distância. Deixamos as impressões de nossos estudos, o qual não está finalizado, reforçando a importância de subverter o modelo imposto de graduação a distância, proporcionando outro olhar para a pesquisa através de atividades integradas nos polos presenciais.

3. Referências Bibliográficas

ALONSO, K. M. Tecnologias da Informação e Comunicação e Formação de Professores: sobre rede e escolas. Educação & Sociedade, Campinas, v. 29, n. 104, Especial, p. 637-640, out. 2008.

ALONSO, K. M. A Expansão do Ensino Superior no Brasil e a EAD: dinâmicas e lugares. Educação & Sociedade, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1319-1335, out. dez. 2010.

BERBAT, M. C. Formação de Professores de Geografia na Educação Superior a Distância: Contextos Institucionais em Questão. Dissertação de Mestrado em Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

CARVALHO, A. M. A.; MÜLLER, F. O Futuro da infância é o presente. Revista educação Cultura e Sociologia da Infância. São Paulo: Editora Segmento, 2013.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Editora: Paz e Terra. 1996.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. S. Professores do Brasil: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.

KISHIMOTO, T. M. O brinquedo e a produção cultural infantil. Revista Educação Cultura e Sociologia da Infância. São Paulo: Editora Segmento, 2013.

KRAMER, S. O papel social da educação infantil. Revista Textos do Brasil. n.7, 1999. p. 2 Disponível em www.dc.mre.gov.br/imagens-e-textos/revista-textos-do-brasil/portugues/revista7-mat8.pdf. Acesso 31 de Agosto de 2013.

LOPES, J. J. M.; VASCONCELLOS, T. Geografia da Infância: Territorialidades Infantis. Currículo sem fronteiras. v. 6, n.1. p. 112. Jan/Jun, 2006.

LOPES, J. J. M.; MELLO, M. B. (Org.) O jeito que nós crianças pensamos sobre certas coisas: dialogando com lógicas infantis, Rio de Janeiro: Rovel, 2009.

MOORE, M; KEARSLEY, G. Educação a Distância: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

NASCIMENTO, M. L. B. P. A infância como fenômeno social. Revista Educação Cultura e Sociologia da Infância. São Paulo: Editora Segmento, 2013.

PRESTES, Z. R. Quando não é quase a mesma coisa. Análise de traduções de Lev. Semionovitch Vigotski no Brasil – Repercussões no campo educacional. São Paulo: Autores Associados, 2010.

PRESTES, Z. R. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais. Rio de Janeiro, 2008.

RPEIFPERJ. Relatório de Pesquisa Educação Infantil e Formação de Professores no Estado do Rio de Janeiro. 2011.

SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir, CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia Teixeira. Itinerários de Pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

VIGOTSKI, L. S. Quarta Aula: A questão do meio na pedologia. Psicologia USP, São Paulo, 2010.

VINHA, M. P. Quarta aula: A questão do meio na pedologia. Psicologia USP, São Paulo. 2010.